



CRÍTICA

A Boa Alma de Sé-Chuão



E DE REPENTE COMEÇA a chover dinheiro. E de repente a vida de uma pessoa muda. Uma pessoa que era pobre, prostituta, desvalida, num instante fica rica. Enfim, com dinheiro suficiente para deixar de ser pobre, prostituta, desvalida, abrir uma tabacaria e poder praticar o bem que lhe vai na alma. Bondade que foi, aliás, a razão de lhe caírem 10 mil dólares sobre a cabeça. Confuso?

Tudo, nesta criação de Peter Kleinert da peça que Bertolt Brecht (1898-1956) escreveu em 1942, procura responder a uma interrogação do encenador: é possível ser-se bom num mundo cruel? O que traz de imediato o texto para a actualidade num tempo em que é difícil ter uma resposta. Como difícil era no meio da II Guerra Mundial, tanto que o autor hesitou entre três possibilidades para o final da sua peça, que nesta montagem é ambígua, sendo a conclusão arditosamente deixada aos espectadores. Ajudará saber que a Chen Te (uma interpretação inspirada de Rita Cabaço, à frente de um elenco com Beatriz Godinho, Érica Rodrigues, Inês Garrido, João Tempera, Miguel Raposo, Tomás Alves e direcção musical de Pedro Melo Alves) e à sua tabacaria – por mor do bom coração da rapariga, o mesmo que a levou a alugar as deusas-turistas que procuravam uma boa alma quando nem a Airbnb nem o Alojamento Local lhes valeu e ser premiada em notas – a fortuna de pouco

valerá. Assediada por todo o tipo de abusadores, ingenuamente correspondendo aos mais oportunistas pedidos, a caminho da falência, a antiga prostituta tem um momento de lucidez e cria um alter ego. Entra em cena Chui Ta, o primo com jeito para lidar com dinheiro e com negócios, capaz de meter toda a gente na ordem. Mas ordem, progresso, ética e bondade são compatíveis?

O encenador alemão não responde, apenas insinua uma resposta devolvendo a dúvida para a plateia. E, para lá chegar, a leitura que faz do original – sem diminuir o seu carácter ideológico, que surge inscrito como num palimpsesto – traduz-se numa produção feérica, abrilhantada por uma banda sonora de rock duro, vulgar mas particularmente eficaz no desenrolar do enredo, que, por vezes, empresta ao espectáculo (muito graças à inteligente cenografia de Céline Demars e ao desenho de luz de Guilherme Frazão) um tom ironicamente circense, caleidoscópico entre as constantes brumas que caem sobre o palco. Alegoria, claro, para o estado de uma sociedade alimentada pelo individualismo e a futilidade; conformista, umas vezes, outras capaz de gesto justo; porém cada vez mais egoísta, sectária, avessa ao diálogo e propensa ao conflito. *Rui Monteiro.*

→ Teatro Municipal Joaquim Benite. Qua 16.00, Qui-Sáb 21.00, Dom 16.00. 13€